



Arte sobre foto de Marcos Santos

# **Um intérprete africano do Brasil: Kabengele Munanga**

*Sylvia Dantas*

*Ligia Ferreira*

*Maura Pardini Bicudo Vêras*



#### resumo

Em 28 de setembro de 2016, o grupo Diálogos Interculturais do IEA-USP organizou uma conversa com o professor Kabengele Munanga, intitulada "Trajetória entre culturas: Kabengele Munanga, um intérprete africano do Brasil". O encontro foi coordenado por Ligia Ferreira e Maura Vêras com a presença da coordenadora do grupo, Sylvia Dantas, e dos professores membros Adriana Capuano e Paulo Farah.

---

**Palavras-chave:** Kabengele Munanga; educação; racismo.

#### abstract

*On September 28, 2016 the Intercultural Dialogue Group from the Institute for Advanced Study (IEA) of the University of São Paulo (USP), organized a talk with Professor Kabengele Munanga, named A pathway between cultures: Kabengele Munanga, an African interpreter of Brazil. The meeting was coordinated by Ligia Ferreira and Maura Vêras; and was attended by the group coordinator Sylvia Dantas and Professors Adriana Capuano and Paulo Farah.*

---

**Keywords:** Kabengele Munanga; education; racism.



O

diálogo a seguir é uma oportunidade de compreensão a partir da história de vida do professor e antropólogo Kabengele Munanga, especialista na questão da identidade negra no Brasil, e seu olhar arguto sobre as artimanhas de 20 anos de colonização na República Democrática do

Congo, que realizou uma verdadeira “lavagem cerebral” na educação da população.

**Ligia Ferreira:** Eu gostaria primeiramente de agradecer. É um agradecimento quase reverência ao professor Kabengele. Foi uma ideia de todo o grupo trazer o professor, não para fazer uma conferência, uma palestra. A gente não pode falar em interculturalidade, em diálogo, sem essa coisa preciosa que está se tornando muito rara que é o encontro, neste evento que batizamos como uma “Trajetória entre Culturas: Kabengele Munanga, um Intérprete Africano do Brasil”.

**Maura Pardini Bicudo Vêras:** Bom dia a todas e a todos, é uma honra e uma alegria estarmos aqui com o professor Kabengele.

**Ligia Ferreira:** O professor Kabengele dispensa apresentações. Foi professor durante vários anos... depois ele mesmo vai completar isso, porque faz parte da trajetória da FFLCH, do Departamento de Antropolo-

---

Transcrição editada do evento “Trajetória entre Culturas: Kabengele Munanga, um Intérprete Africano do Brasil”, realizado pelo grupo Diálogos Interculturais do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, em 28 de setembro de 2016.

---

**SYLVIA DANTAS** é professora do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e coordenadora do grupo Diálogos Interculturais do IEA-USP.

**LIGIA FERREIRA** é professora de Língua e Literatura Francesa da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e membro do grupo Diálogos Interculturais do IEA-USP.

**MAURA PARDINI BICUDO VÉRAS** é professora titular de Sociologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e membro do grupo Diálogos Interculturais do IEA-USP.

gia, e atualmente é professor convidado da Universidade do Recôncavo Baiano. Como todos vocês sabem, o professor Kabengele veio deste continente que é mãe de todos nós, veio da África e tem um caminho muito interessante. Eu gostaria que você falasse do seu nascimento, dos seus pais, da sua terra, como é que foi? Como é que era essa República do Congo quando você chegou ao mundo? Depois nós debateremos.

**Kabengele Munanga:** Quero agradecer por esse encontro, que eu considero o encontro simplesmente humano. Bom, não sei quem sou, às vezes eu tenho dificuldade em me definir, cresci exatamente entre culturas, um ex-colonizado que viveu 20 anos de colonização, que começou a vida numa aldeia, onde nasceu, de pais analfabetos. Naquela época, na minha, na geração dos meus pais, não tinha nenhuma pessoa alfabetizada no sentido ocidental da palavra. Éramos colonizados pelos belgas na Segunda Guerra Mundial, praticamente no início dela, e toda a nossa formação, a escola, era uma escola cujo monopólio estava nas mãos dos missionários católicos. A formação era o quê? Era, na verdade, a lavagem de cérebro, a Bíblia, o catecismo, essas coisas todas; uma escola totalmente segregada, os filhos de colonizadores estudavam em outra escola. Não tínhamos praticamente nenhum contato humano, nem cotidiano, a gente não se cruzava ou se encontrava. Os bairros residenciais eram bairros segregados com uma área verde no meio para não haver nenhum contato. E nesse processo foi que eu finalmente consegui terminar a escola primária, a alfabetização básica na minha língua materna, porque os missionários tiveram que aprender a língua, o tiluba, falada por cerca de 2

milhões de congoleses, para traduzir a Bíblia. É uma das grandes línguas de alfabetização na região, e a partir do segundo ano do primário começo o estudo do francês. Algumas noções da língua francesa, que era uma língua da colonização belga. Na Bélgica existem duas línguas: o flamengo, que é um dialeto do holandês, e o francês. Então a língua da colonização era o francês, e a partir do segundo ano primário começo a ter algumas noções da língua francesa. Mas você aprende algumas noções na escola, quando volta para casa a língua é a língua materna e até o fim da escola primária, terminando o sexto ano, você deixa de aprender em língua materna, para aprender tudo em francês. Difícil, porque você não domina essa língua, você tem que aprender todos os conceitos matemáticos, tudo numa língua que não é a sua. Então era difícil, comecei a ter alguns bloqueios porque não entendia praticamente nada, a única sobrevivência era o quê? Era uma boa memória, era memorizar tudo, mesmo sem entender nada; era reproduzir tudo, porque o ensinamento era isso, um bom aluno era aquele que sabia reproduzir, então eu reproduzia os textos, fórmulas de física, sem entender nada. A inteligência é saber em que momento reproduzir e que parte eles querem escutar, e as pessoas que não têm essa possibilidade logo são excluídas da escola. Isso me criou alguns problemas, porque eram alunos soltos na escola, por causa da dificuldade de língua, de comunicação. Eu comecei a ter um complexo, um complexo espelhar, porque os melhores alunos, considerados inteligentes, eram aqueles que tinham facilidade de falar a língua do colonizador. Comecei a ter problemas, ficava calado todo o tempo, levei um tempo, minha produção começou a bai-



“ Eu comecei a ter um complexo, um complexo espelhar, porque os melhores alunos, considerados inteligentes, eram aqueles que tinham facilidade de falar a língua do colonizador. ”

xar por causa do problema da língua. A partir de um certo momento passei a dominar a língua, então melhorei um pouquinho o meu rendimento na escola. No fim da escola primária, a gente vai para o colégio interno, que era colégio jesuíta, com toda a disciplina do jesuíta que a gente sabe. Aí é que eu aprendi outra disciplina, para ler, estudar, mas tudo isso numa língua que a gente não dominava totalmente. Eram poucos os que iam para o colégio, escolhidos pelos leigos, pelos padres, os jovens considerados como melhores alunos, aqueles que têm uma boa memória, para memorizar os textos da Bíblia, reproduzir. Inclusive eu fui até coroinha, além de ouvir e decorar coisa de latim, que eu não entendia nada, para ajudar o padre a fazer a missa. Uma disciplina muito dura no colégio interno. Jesuíta acorda às 5 horas da manhã no dormitório, ajoelhado reza e vai para a missa; reza, sai e vai para o refeitório, para tomar café da manhã – que café da manhã! Reza, antes

que termine, reza, e vai para a sala de aula. Vem o padre: “Bom dia, padre”; em pé, reza, termina a aula, reza, vem o outro, reza... a gente rezava tanto que eu tinha calos, era toda a formação, a disciplina. Não tinha água encanada no colégio, ia para o rio uma vez por semana para tomar banho. Os padres diziam que não era bom tomar banho todos os dias porque estragava a pele, e por isso [risos] eles mesmos não tomavam banho, e não deixavam os estudantes tomarem banho. E aquele cheiro, não? [Risos.] E nesse indo, indo, reproduzindo, memorizando, dominando a língua, pouco a pouco, começa a história, a história do colonizador, a história da Europa, a história da própria Bélgica, o conflito na Europa, da África a gente não conhecia nada. Não se falava da história da África, eu não sabia, até o fim do colégio, que o continente africano teve império, principados, monarquias, a gente não sabia absolutamente nada. A história que a gente conhecia era a dos países ocidentais dos colonizadores. Mas quase no fim do processo sempre tem livros que a gente começa a entrar em contato, com uma certa literatura que entrava não sei como, através dos colegas mais velhos. Começamos a ter contato com livros sobre a negritude, o pan-africanismo, e aí começou a abrir os nossos horizontes para descobrir o que era aquele sistema e aquela gente que integrava automaticamente, sem nenhuma crítica, o complexo de inferioridade de negro. Tudo isso passou por um processo lento, sobre o qual você não tem nenhum controle. A única coisa que salvava é que, quando a gente saía para as férias, voltava para as famílias, que continuavam a viver suas culturas, suas religiões, suas visões do mundo, não tinha nada a ver com o colonialismo. Os colonizadores

não viviam nas aldeias para controlar a vida dessas pessoas. Podia haver, e havia, prisão arbitrária, trabalho forçado, mas no cotidiano esses povos continuavam a viver sua cultura, não havia nenhuma força para mudar as coisas. O processo de alienação era através de nós, jovens que passavam pela escola, mas o colonizador não estava lá no cotidiano. Ele podia obrigar um pai: “Para seu filho ir para o colégio, você tem que se casar na igreja, abandonar suas outras mulheres”. O cara casa na igreja para o filho entrar no colégio, mas na aldeia continua com suas mulheres, ninguém tem controle, ninguém sabe o que está acontecendo [...]. Foi até assim que a gente conseguiu viver entre a cultura da colonização e manter também a nossa cultura tradicional, que tem também alguns valores como o respeito com as pessoas mais velhas, a solidariedade do grupo, do clã, tudo isso. Então esse processo coincide com as independências. Quando o Congo teve a sua independência, em 30 de junho de 1960, eu tinha 20 anos, então vivi 20 anos de colonização. Aí que começam os conflitos, porque, até então, eu não sabia a que etnia eu pertencia. Eu sempre soube que pertencia, que era membro de uma aldeia, de uma comunidade, da minha linhagem, mas a ideia de que vocês são grupos diferentes, culturas diferentes em que alguns são superiores, isso veio com a própria colonização. Introduzindo isso na véspera da independência, eles começam a dividir, a introduzir consciência étnica: “Ah, vocês são balubas, vocês são mais inteligentes que os outros, vocês são aqueles...”. É dividir para dominar [...]. Evidentemente, com a política de dividir para dominar, nas vésperas da independência começam a estourar esses conflitos étnicos, incentivados pelos

próprios colonizadores. Até os missionários começaram a fazer isso. O colégio jesuíta onde eu estudei fechou porque a gente não podia mais atravessar; eram dois dias de trem para chegar ao colégio, mas não podia mais, porque os conflitos com o grupo onde ficava o colégio com o meu grupo se acirraram na véspera da independência. Então eu fui obrigado, depois de três anos de colégio, a ficar um ano sem estudar. Em 1961 fui para a capital, Kinshasa [...], e lá não dava para continuar no colégio porque não tinha espaço para todo mundo. Entrei numa escola técnica, nada de uma formação de um colégio regular, formação humanitária. Mas eu consegui escapar, porque houve um exame, chamado Exame de Maturidade, para ver se tinha alguns candidatos que podiam entrar diretamente no primeiro ano sem fazer o pré-universitário. Era preparatório, tinha 200 candidatos, foram aprovados dez. Eu fui aprovado entre os dez, e fui diretamente para a faculdade, em 1964. Nota-se que a universidade oficial, a primeira Universidade do Congo, foi criada em 1956, quatro anos antes da independência, então eu faço parte da segunda geração de jovens que entraram na universidade quando o Congo, então, teve sua independência. Em 1960 existiam apenas oito jovens com diploma universitário! Então você imagina um país, naquela altura, com 24 milhões de habitantes...

**Ligia Ferreira:** Só para a gente lembrar, quando começou a colonização belga no Congo?

**Kabengele Munanga:** Imediatamente depois da Conferência de Berlim, que começou em 1884 e terminou em fevereiro de 1885. Foi uma colonização atípica porque o Congo era propriedade do rei dos belgas.

**Ligia Ferreira:** O famoso Leopoldo II.

**Kabengele Munanga:** Leopoldo II. Não era uma colônia, mas uma propriedade que se chamava Estado Independente do Congo, independente porque era propriedade do rei Leopoldo II, rei dos belgas, como eles chamam. Eles não dizem rei da Bélgica, mas rei dos belgas. Ele o explorou por 24 anos, depois deu de presente à Bélgica e foi então que se tornou uma colônia, colônia belga. Com a independência belga, imagine, eles não queriam formar elite, simplesmente uma alfabetização. Até a independência, o Congo tinha 60% da população alfabetizada, era a população mais alfabetizada, mas só alfabetização. Por isso o Congo chegou à independência com oito jovens com diploma universitário em ciências sociais, não havia um médico, um advogado, um engenheiro. Imagine um país recém-independente com apenas oito jovens com diploma universitário: o que seria o futuro desse país? Então eu entro na universidade como a segunda geração de jovens universitários para fazer ciências sociais. Eu estava na Universidade Oficial do Congo, e ninguém queria fazer antropologia porque já tinha informação entre os colegas de que era uma ciência colonial. Entrei na antropologia em 1966, como único estudante, não tinha outro, com professores que vinham da França, da Bélgica, da Inglaterra...

**Ligia Ferreira:** Só uma curiosidade: quais eram os conteúdos dessa então chamada “ciência colonial”?

**Kabengele Munanga:** Alguns autores a gente não estudava, na minha formação em ciências sociais não tinha nada de mar-

xismo, nem Karl Marx, nada, não fazia parte da bibliografia de ciências sociais. Quando fiz antropologia, era antropologia funcionalista (meu orientador foi aluno de Evans-Pritchard), era basicamente funcionalismo, não tinha outro conhecimento em antropologia, era parentesco. De Lévi-Strauss se dizia: “É muito complicado para você, não dá para ler”.

**Ligia Ferreira:** Você trabalhou campo já nessa ordem?

**Kabengele Munanga:** Sim, eu fui fazer pesquisa de campo e produzi um trabalho chamado *Memória*. Fiz defesa, em nível de dissertação de mestrado, quase como uma defesa, não se diz dissertação de mestrado porque no sistema belga não tem mestrado, estudando direto o doutorado. Uns seis meses depois... eu era assistente de um grande professor belga, da Universidade Livre de Bruxelas, André Coupet, que trabalhava com linguística africana e que era considerado por meus colegas como racista. Diziam que André Coupet era um racista neurótico, e esse racista neurótico me olhou um dia e disse: “Mas você tem capacidade para fazer doutorado em dois anos. Eu vou fazer tudo para você ir para a Bélgica”. Então eu sou um homem de muita sorte na vida, até racista! Voltei para o Congo para fazer a pesquisa de campo, aí, no momento de voltar, cortaram a bolsa. O governo congolês cortou a bolsa porque havia um problema: uma parte da minha família, primos que se formaram fora, como eu, estavam presos e, com isso, eles cortaram a minha bolsa, então fiquei praticamente quase quatro anos parado, sem saída. Aí consegui uma bolsa da Fundação Rockefeller para fazer

doutorado e voltar para Louven, dessa vez com Vansina. Vansina dava aulas nos Estados Unidos, na Universidade de Wisconsin, mas continuava dando aulas no país dele, ele é belga. Por causa dos conflitos entre os próprios belgas, ele decidiu dar a aula dele em inglês: “Não vou dar aula nem em francês, nem em flamengo, vou dar aula em inglês”. Então fiz um curso de inglês para poder ir para a Bélgica. Quando chegou a bolsa, outro problema: o diretor da faculdade era um americano, conselheiro na Casa Branca sobre a política congoleza. Ele confiscou minha bolsa e a deu para o assistente dele, que trabalhava sobre a vida política do primeiro-ministro.

**Ligia Ferreira:** Ou seja: depois do campo, ir para a Bélgica novamente?

**Kabengele Munanga:** Para ir de novo para a Bélgica, com o Vansina, que é um grande antropólogo. Mas sem a bolsa eu não pude. Foi então que, por acaso, conheci o Fernando Mourão, professor do Departamento de Sociologia que criou o Centro de Estudos Africanos da USP, de passagem em 1974.

**Ligia Ferreira:** Fernando Mourão, que também é brasileiro?

**Kabengele Munanga:** Sim, o fundador do Centro de Estudos Africanos. Eu o conheci através de um amigo espanhol, tenho a sorte de ter muitos amigos fora das fronteiras raciais: “Estamos com convênio com alguns países africanos e você poderia fazer o seu doutorado na Universidade de São Paulo através do Centro de Estudos Africanos”. Éramos eu e o professor Kazadi, que fez o doutorado aqui sobre as contribuições da

IEA/USP



“ Vi o filme de Cacá Diegues, e a ideia que a gente tem do Brasil é essa: um país de democracia racial onde os negros não tinham problemas como nos Estados Unidos. ”

música africana na música popular. Ele foi o primeiro a receber o formulário para a bolsa, em 1974, e em 1975 eu cheguei aqui, em julho.

**Ligia Ferreira:** Como é que você recebeu esse convite, o que era o Brasil para você no momento em que estava se preparando?

**Kabengele Munanga:** A ideia do Brasil... o futebol, Pelé, carnaval do Rio de Janeiro [risos].

**Ligia Ferreira:** Ou seja, aquelas imagens de base [risos].

**Kabengele Munanga:** Vi o filme de Cacá Diegues, e a ideia que a gente tem do Brasil é essa: um país de democracia racial onde os negros não tinham problemas como nos Estados Unidos. Então, era essa a ideia que eu tinha do Brasil, e quando veio a bolsa, meus colegas disseram: “Você vai fazer dou-



torado no Brasil? Por que você não espera para ir para a Europa? O Brasil tem antropologia? O que você vai fazer naquele país? Só tem samba, carnaval e futebol” [risos]. Você vê os preconceitos... Bom, eu, um aventureiro, aceitei a bolsa e cheguei aqui em julho de 1975. O professor Fernando Mourão já tinha entrado em contato com o professor João Baptista Borges Pereira, que foi meu orientador. Cheguei aqui já inscrito, e comecei a fazer os créditos. Como não tinha mestrado, João Baptista olhou meu trabalho sobre memória e disse: “Isso aqui tem nível de nossos trabalhos de mestrado, então você vai diretamente para o doutorado”.

**Ligia Ferreira:** E a língua portuguesa?

**Kabengele Munanga:** Eu aprendi a língua aqui.

**Ligia Ferreira:** Você morou no Crusp?

**Kabengele Munanga:** Fui o primeiro morador do Crusp. Depois de 1968 o Crusp fechou, e reabriu comigo...

**Ligia Ferreira:** O que foi ser africano nesse programa de doutoramento da USP nesse momento em que você chegou?

**Kabengele Munanga:** Olha, os colegas não conheciam a África, não conheciam os países africanos. Eu me lembro dos colegas que faziam pós-graduação. Eles me perguntavam: “Você toca algum instrumento musical?”. Eu dizia que não. “Mas como? Você não é africano? Você já caçou um leão?” Eu dizia que não era caçador. “Mas como? Você não é africano? E lá tem carro?”.

**Ligia Ferreira:** Depois da independência o seu país passou a ser o Zaire.

**Kabengele Munanga:** É, veio a ser Zaire... Era um desconhecimento total da África até entre alunos da USP. Então você imagina o resto da população, o conhecimento que eles tinham da África, e aí, nesse cotidiano, é que comecei a destruir o mito da democracia racial, porque quando entrava em algum lugar, antes de abrir a boca, já perguntavam: “Você não é daqui, não?”. Como? Mas não abri a boca! Era só a maneira de ser, de andar. Antes de abrir a boca já sabiam que eu não era brasileiro, não era um negro brasileiro, para você ver o que a discriminação faz com a pessoa... até na maneira de se comportar, de ser, de se apresentar. Foi quando eu comecei a dizer que essa coisa de democracia racial não existe. E aí nas aulas de pós-graduação, com o meu orientador que é especialista na questão do negro no Brasil, João Baptista Borges Pereira, comecei a leitura de Florestan Fernandes, Octavio Ianni... Aprendi mais antropologia nesta universidade do que nas universidades belgas. Aqui tive acesso aos autores, ao estruturalismo, que eu não tinha estudado. Fiz os créditos correndo, e sou uma pessoa de sorte: cheguei em julho de 1975, em outubro de 1977 defendi o meu doutorado e fui aprovado, sendo o segundo louvor na história da Antropologia da USP.

**Maura Pardini Bicudo Vêras:** A gente conhece algumas das coisas que o senhor escreveu, sobre identidade, sobre as lutas com as cotas, e tem uma frase que o senhor falou em uma das entrevistas, acho que foi em 2009, que eu gostaria de ouvi-lo sobre isso. O senhor falou: “O racismo brasileiro

é o crime perfeito”. Eu entendi que o senhor estava desmistificando a democracia racial. Eu acho que toda essa sua trajetória e o que o senhor escreveu me fazem perguntar: por que é um crime perfeito?

**Kabengele Munanga:** Todos os racismos são abomináveis, são crimes, mas eu achei que o racismo brasileiro é um crime perfeito partindo da ideia de um judeu prêmio [Nobel] da Paz que disse uma vez que o carrasco mata sempre duas vezes, a segunda pelo silêncio, e nesse sentido achei o racismo brasileiro um crime perfeito. É como um carrasco que você não vê te matando, está com um capuz; você pergunta pelo racista e você não encontra, ninguém se assume, mas o racismo e a discriminação existem. Esse racismo matava duas vezes, mesmo fisicamente, a exclusão e tudo, e matava a consciência da própria vítima. A consciência de toda a sociedade brasileira em torno da questão, o silêncio, o não dito... Nesse sentido, era um crime perfeito, porque não deixava nem a formação de consciência da própria vítima, nem a do resto da população através do chamado mito da democracia racial. [...]

**Ligia Ferreira:** Tudo o que você tem relatado confirma um pouco mais da nossa ideia inicial. Eu escolhi a palavra “intérprete” quando a propus para as minhas colegas porque nós todos aqui, principalmente quem for da História, e outros, estamos muito habituados a falar dos intérpretes do Brasil, os brasileiros Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, enfim, os grandes explicadores do Brasil, e os de fora, os brasilianistas europeus e norte-americanos. Mas eu acho que a gente esquece, talvez, que há outras

perspectivas possíveis. Para mim, Kabengele hoje representa essa outra figura. Você é um intérprete, obviamente você já se naturalizou brasileiro. Por isso nós queríamos trazer à tona e conhecer melhor essa trajetória, porque eu acho que você tem um olhar que não é o do estrangeiro, do brasilianista; num certo sentido, sim, mas você está dentro, você não está olhando o Brasil de fora, então eu acho que, como você disse, você acabou aprendendo com o Brasil, mas também o reinterpreto.

**Kabengele Munanga:** Olha, eu acho que um olhar distante ajuda muito, porque até meu próprio olhar da África mudou pelo fato de eu estar aqui. Tive um olhar distante, mais crítico sobre as realidades africanas, talvez um olhar que não teria se tivesse passado o resto da minha vida no continente africano. O fato também de não ter nascido aqui me deu um olhar diferenciado sobre a realidade brasileira, sobre as realidades dos negros, diferente dos meus colegas brasileiros brancos, diferente dos meus colegas brasileiros negros. Acho que essa distância me ajudou muito na minha visão do Brasil, na minha maneira de apreender o Brasil. Eu fui e continuo a dizer que fui aluno, tanto na academia como na própria militância negra, mas eu soube fazer a minha leitura, a partir da minha própria intuição – sou uma pessoa muito intuitiva –, de leituras selecionadas – tenho sorte de fazer algumas leituras selecionadas – e, às vezes, de coisas-chave que as pessoas não percebem: eu aprendo com outras pessoas, eu aprendo com tudo, às vezes com uma palavra, com uma frase, às vezes com uma ideia que vale mais do que ler um, dois ou três livros. Não sei como, isso entra em



mim de uma maneira diferenciada, que me ajuda a fazer uma leitura diferente. Minha maneira de escrever também – eu acho – é completamente diferente, não escrevo em uma linguagem acadêmica fechada, sofisticada, eu escrevo simplesmente. Acho que as coisas que eu entendo os outros podem entender, e se eu mesmo não entender, então ninguém vai entender, então essa é a possibilidade de comunicar.

**Sylvia Dantas:** Professor, é uma honra ouvi-lo, e eu acho que a gente está sempre aprendendo, e aprendendo aqui com todos, com as perguntas, com esse diálogo, a sua vasta experiência e esse olhar que, como a Ligia bem apontou, ilustrou esse olhar de fora e de dentro. Eu venho trabalhando com esse olhar de fora e de dentro, em termos de psicologia, tanto a psicologia social quanto a clínica. A questão que eu gostaria de colocar é a questão da nossa mestiçagem, o aspecto psicológico nesse sentido é extremamente forte. Eu vejo isso na discussão com os alunos e orientandos, falar de preconceito em sala de aula é muito delicado, porque eu trabalho com alunos também trazendo as suas vivências. E a gente vê, quer dizer, todos os países colonizados e essa diversidade que nós temos, riquíssima no Brasil. Nós ainda somos colonizados cotidianamente, a televisão, os meios de comunicação... Isso passa pelas famílias, o clareamento, a ideologia de “branquiação” está aí, ela é presente. E ela passa pelo afeto, então os pais veem os seus filhos: “Ai, que bom, o cabelo é liso. Ai, que bom, ele é mais claro”. Eu tenho relatos de alunos que falam: “Meu pai é negro, mas ele fala que a cor é escura porque ele toma muito sol”. A questão do pertencimento, eu gostaria de colocar – o senhor até faz a dis-

cussão com Darcy Ribeiro, da questão da mestiçagem – se o senhor poderia falar um pouco mais sobre isso. O senhor tem essa vivência na família inclusive. Como isso se coloca nesta sociedade, aqui, da sua experiência, enfim, nesse sentido? Obrigada.

**Kabengele Munanga:** Eu costumo dizer que a mestiçagem faz parte da história da humanidade. É inevitável, até os próprios racistas concordam, como Arthur de Gobineau, que escreveu que a mestiçagem faz parte da história da humanidade. O problema para ele era que os cruzamentos e incruzamentos, que é degradar raças, fazem os mestiços serem degradados das aptidões intelectuais de suas raízes. O Brasil é um país muito rico e, nesse sentido, um país mais mestiçado, mas a questão é a leitura que se faz da mestiçagem no Brasil. Para Nina Rodrigues, o Brasil não poderia ter mestiço, um povo degenerado. Como explicar o destino de um país que se constrói, que vai contar com o sangue degenerado de descendentes de índio, de negro e de branco, que era um problema da sociedade? Aí Gilberto Freyre entra em cena a partir da década de 30 para dizer que a mestiçagem não é um problema para a sociedade, pelo contrário, os próprios portugueses já eram mestiços, antes saíram com os mouros e com outros. Mas ele trouxe um outro problema: pensar já é dizer que nós não somos um povo racista por causa da mestiçagem. O português não teve problema em ir para a cama com a índia e com a negra, então não há preconceito no Brasil por causa da mestiçagem, entende? Construiu-se, a partir da mestiçagem, o mito da democracia racial, que se mantém até agora, porque qual a leitura que se faz do Brasil? Um país mestiço,

que não tem negro, não tem índio, não tem branco, todo mundo é mestiço. Quem vai discriminar quem? Com isso você escamoteia os problemas da sociedade, você nega as desigualdades, você nega a discriminação racial. A gente viu isso. Em pleno debate sobre cotas, a pessoa diz: “Mas cota para quê? Não tem negro no Brasil! Cota vai trazer a raça de volta, num país onde não tem raça, não tem racismo; teremos problemas, como os americanos não conseguiram evitar, por causa dessas coisas de cotas num país mestiço”. Claro, os mestiços existem, mas tem mestiços que se assumem como negros politicamente, ideologicamente. O Brasil tem branco, tem negro, tem mestiço, tem índio, nós não podemos negar. Se você for lá para o Sul do Brasil, onde a maioria da população é de ascendência europeia... isso aqui é história: de ascendência europeia porque a migração levou esse contingente lá. Como a tendência do ser humano é casar entre semelhantes, então continuaram a produzir mais brancos do que negros, nenhum problema. A maioria da população americana que nós chamamos de negra é mestiça, Obama é um mestiço, mas, na ideologia da pureza de sangue americano, é uma pessoa negra. O problema é o que se faz ideologicamente, politicamente, da mestiçagem, que é inevitável na história da humanidade. Então acho que é esse o problema, as pessoas continuam a bater nas mesmas teclas. Me lembro que, quando escrevi *Rediscutindo a Mestiçagem*, fiz uma crítica ao Darcy Ribeiro, a *O Povo Brasileiro*, um livro que eu amei. Eu gosto muito das ideias do Darcy, mas ele continuava com a ideia de que todo mundo é mestiço no Brasil, e não tem mais negro... Não é negar a mestiçagem, mas o que se faz da mestiçagem na nossa sociedade é

que é um problema. É inevitável, até eu já tenho mestiço na minha família, tenho neta e neto mestiços, um filho mestiço, mas que, pela educação, se assumem como negros. Me lembro da minha neta. Perguntaram para ela: “Mas você é quem? Você é mestiça? Você é o quê? Sua mãe é branca?”. “Não, eu sou negra.” “E seu avô?” “Mas eu sou negra clara, e meu avô é negro escuro.” Ela tem consciência disso, todos têm consciência disso, depende da educação. [...] Existem famílias que têm mestiçagem e que negam completamente. Que não querem que os filhos e netos saibam que tem mestiços na família. Faz parte de nossas histórias, por que você vai negar isso? A gente viu no debate sobre cotas – você deve ter acompanhado –, muitas teorias. Por que o Demétrio Magnoli me acusou de cara de querer suprimir os mestiços? Por causa da defesa. Que poder eu tenho para suprimir, começando com os próprios mestiços da minha família? Não tem cabimento, é inevitável a mestiçagem na história da humanidade, qualquer contexto de paz ou de guerra é inevitável, mas nós não podemos a partir daí começar a negar os problemas das sociedades porque tem pessoas que se assumem como negras, como mestiças, pessoas mestiças que constroem a sua identidade negra, pessoas mestiças que não querem assumir a identidade negra, e têm razão, se elas podem construir a sua identidade, tudo bem. Mas generalizar? Você vai lá e diz para os descendentes de gaúchos, italianos: “Vocês são mestiços?”. Eles vão rir na sua cara, eles são brancos, não são mestiços. Por que você quer transformá-los em mestiços? Esse é o problema, esse uso político-ideológico da mestiçagem em nossa sociedade. Meu livro *Rediscutindo a Mestiçagem* passa por isso, por esse uso





“Todas as sociedades humanas são machistas e aprendi a me transformar em homem de verdade porque a minha mulher me ensinou que o lugar do homem também é na cozinha.”

político da mestiçagem. [...] Você tocou numa outra questão [...] Durante a colonização, os colonizadores diziam o seguinte: “Como o negro não é inteligente como o branco, ele não vê na abstração, ele é concreto. Certas áreas do conhecimento como a matemática, física, não são com ele. A única coisa que ele deve aprender é antropologia e sociologia, porque, através dessas disciplinas, ele vai descobrir por que ele é inferior ao branco”. Diziam isso, exatamente: “Economia? Mas os pais dele não sabem nem o que é um talão de cheque, como um negro vai fazer economia?”. É por isso que, quando criaram a universidade naquela região, a primeira coisa era simplesmente ciências sociais, e nada mais. E ciências sociais com a bibliografia selecionada, porque certas áreas do conhecimento não poderiam ser ensinadas naquelas universidades coloniais. Foi nesse sentido que fui fazer ciências sociais, porque não tinha abstração. Não podia fazer matemática, não podia fazer engenharia, econo-

mia nem pensar, meus pais analfabetos não sabiam nem o que é um talão de cheque. Como eu podia fazer economia? Então eu fui aprender por que sou inferior [risos] e eu consegui aprender [risos].

**Ligia Ferreira:** Você fala das amizades sem barreiras.

**Kabengele Munanga:** Minhas amizades são amizades mesmo, sem fronteiras. Eu convivi nesse mundo inter-racial com muita facilidade. É claro que eu continuo com a minha formação tradicional de solidariedade e de respeito, idade, formado numa sociedade. Todas as sociedades humanas são machistas e aprendi a me transformar em homem de verdade porque a minha mulher me ensinou que o lugar do homem também é na cozinha. Então eu posso dizer que sou um homem de sorte porque consegui me transformar, sair de todas as barreiras que impedem o desenvolvimento de todo ser humano. Mas nem por isso eu abri mão da solidariedade. Se você me pegar, hoje, e me botar numa etnia em algum lugar na África, eu vivo como eles; se você me tirar de lá e me botar numa família burguesa, eu também me viro como eles [risos]. Então eu nasci mesmo com essa coisa entre culturas, tem a ver com a minha trajetória de vida. Agora, os preconceitos... Um dos dados: o preconceito entre os próprios brasileiros de ascendência europeia existe. Nordestinos também são vítimas de preconceitos até na maneira de falar a língua portuguesa, e tudo isso desenvolveu os mitos da preguiça nordestina. Uma das minhas orientandas fez uma tese de doutorado sobre o mito da preguiça baiana. Achem que os baianos são preguiçosos por natureza pelo fato, talvez, de serem negros, em sua

grande maioria, mas é um mito porque, se os baianos não estivessem trabalhando, eu acho que nenhum turista iria lá, eles passariam fome. Eles estão trabalhando, só que têm o conceito de tempo completamente diferente do tempo capitalista. Eles chegam atrasados, saem mais tarde, acabam por preencher a mesma carga horária e sabem dividir suas atividades. Vão à missa de manhã, à noite estão no terreiro de candomblé; vivem um certo pluralismo religioso, que faz parte da vida deles. Batizam os filhos, se casam, mas estão no terreiro de candomblé.

**Ligia Ferreira:** Hoje a gente teve a oportunidade de conhecer um pouco mais deste

homem que atravessou culturas e que por sorte veio parar no Brasil. Nós temos a sorte de poder contar com a consciência do professor Kabengele, que tão generosamente tem ajudado o Brasil a se pensar e não ocultar isso que é uma riqueza. Professor, eu acho que o público que se reúne hoje aqui, no Instituto de Estudos Avançados da USP, é um retrato desse Brasil que está progredindo. Eu estudei na USP, não tive colegas negros, professor, ainda menos. Eu comecei como professora, não só universitária, e raramente tive alunos negros, como tenho hoje na Unifesp, por exemplo. Eu acho que preciso registrar isso. Muito obrigada em nome do grupo Diálogos Interculturais [aplausos].